

Os Desvalidos da Sorte: a Santa Casa de Misericórdia e o controle dos excluídos sociais (Uberlândia 1918-1980)

Maria Clara Tomaz Machado *

RESUMO

A partir do século XIX as artes e os ofícios de curar exercidos por práticos cederam lugar para uma medicina alopática, cujas estratégias pressupunham um controle dos corpos como parte da consolidação de mundo burguês. Este trabalho elege a Santa Casa de Misericórdia como uma instituição que integra uma rede de dispositivos de controle dos excluídos sociais de Uberlândia-MG. Os Vicentinos, em nome do assistencialismo e da caridade religiosa, foram partícipes dos projetos políticos da ordem e do progresso, cujo principal intento era a dominação e disciplinarização urbana.

The Abandoned on luck: the Saint House of Mercy and the control of the social excluded (Uberlândia/MG - 1918-1980)

ABSTRACT

Since the XIX century, the arts and the duty to cure exerted by the healer had yielded place for an allopathic medicine, whose strategies estimated a control of the bodies as part of the consolidation of the bourgeois world. This work chooses the Saint House of Mercy as an institution that integrates a net of control devices of the ones social excluded from Uberlândia -MG. The Vicentinos, on behalf of the social assistance and of the religious charity, had been participants on the politician projects of the order and progress, whose main intention was the domination and urban discipline.

No Ocidente a história da Medicina é parte constitutiva da sociedade burguesa que – ao forjar o mundo do trabalho, racionalizado e contabilizado – estabeleceu, a partir do século XIX, padrões de comportamento não só moral como também físico, determinantes do que se esperava de um homem produtivo. A medicina, neste viés, foi uma parceria na constituição dessa nova ordem social. (FOUCAULT, 1984)

O complexo das ações que envolvem as estratégias que tornaram possível o cenário médico tal como conhecemos hoje é mais amplo do que o lugar concreto do hospital. Fazem parte dessa história de legitimação do saber médico a disputa pelas artes e ofícios de curar com os nomeados curandeiros, charlatões, conhecidos como práticos, a criação da Academia Imperial de Medicina, da Escola Médico Cirúrgica e da Faculdade de Medicina – RJ, o aparato legal do Código Penal de 1808, a criação dos primeiras Sociedades Médicas e dos

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

Códigos de Posturas Sanitárias. Neste viés, por meio dos discursos higiênicos os médicos, em conveniência com o poder público e com o nascente mercado de remédios, alçaram o posto de delegado de higiene pública, imagem corroborada pela imprensa, que os viam como pioneiros do progresso. (WEBER, 1999)

Todavia, como um capítulo à parte, o hospital nas suas origens foi concebido como uma instituição filantrópica de cunho religioso e espiritual. A transição do hospital medieval para o moderno, em que sua jurisdição passou a ser secular e leiga, nem por isso eliminou a influência da Igreja. No século XVII ele continuou a ser uma combinação de assistencialismo com os primeiros exercícios da ciência médica, alguns deles se tornaram hospital-escola; outros, no século XIX, até admitiam atendimentos e acomodações privadas. É preciso assinalar que os avanços das técnicas hospitalares tanto quanto a sua complexidade são frutos da revolução industrial e do processo de urbanização, daí a mudança no enfoque do aspecto religioso para o primordialmente social. A partir do século XIX a atenção médica é parte das exigências da racionalidade e economia organizacionais exigidos pela sociedade burguesa que se consolidava. (ROSEN, 1980)

Por este prisma, as Santas Casas de Misericórdia que, à princípio, se constituíram como instituições assistenciais de cunho religioso também sofreram transformações no decorrer do tempo, passando, para além da caridade, a ser coadjuvante das práticas disciplinares e de controle do espaço urbano, abrigando não só os doentes dos corpos, mas todos os indivíduos tidos como “pobres e perigosos”, porque à margem do sistema. Estes deveriam ser alvos preferenciais dos cuidados ali dispensados. Além do alívio ao doente a atenção se voltava também para os órfãos, os loucos, os enjeitados, os promíscuos e boêmios, os indigentes e idosos. Por isso, a criação de outros suportes internos e anexos como asilos, hospícios, casas dos expostos, orfanatos, vilas de acolhimento aos deserdados da sorte – o que resultava não só na amortização das tensões e conflitos sociais como também mantinham as relações sociais desiguais e injustas, privilegiando as hierarquias sociais. (ABREU, 1987; CASTRO, 2006; FOUCAULT, 1978; GANDELMAN, 2008)

A irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia nasce em Portugal no ano de 1498 sob os auspícios da monarquia portuguesa e, como marca de sua colonização, a ordem das Santas Casas de Misericórdia aporta no Brasil em 1543 na Capitania de São Vicente – SP, em 1560 nos Campos de Piratininga – SP, e por volta de 1582 no Rio de Janeiro e Bahia – à época centros vitais do projeto colonizador português. (GANDELMAN, 2008; GUIMARÃES SÁ, 1995; SOCIEDADE São Vicente de Paulo, 1988).

Com o tempo as Irmandades de Misericórdia disseminam-se pelo país chegando em 1899 em Belo Horizonte e nos sertões da “farinha podre”, Triângulo Mineiro, no início do século XX. Para além da comiseração aos pobres, que era o princípio norteador desta instituição, as suas origens se prendem a momentos muito pontuais em que grandes epidemias grassaram o país: as pestes, enfermidades das travessias marítimas, a febre amarela, o cólera, a varíola nos idos de 1800 e a gripe espanhola do princípio do século XX foram situações limites que permitiram a aliança entre religiosos, médicos e sociedade civil na ânsia por dominar as intempéries de uma ordem social em construção.

De uma maneira geral a estrutura organizacional das Santas Casas de Misericórdia é leiga, vinculada aos princípios religiosos católicos, cuja administração financeira se espelha na sociedade São Vicente de Paula, fundada em Paris, no ano de 1833, por Antônio Frederico Ozanam. Organizou-se nas chamadas Conferências, pautadas pelo Conselho Geral e os locais regionais. Os membros ativos vicentinos, confrades (homens) e consócias (mulheres) obedecem a um número ideal de 12 a 15 membros congregados em uma conferência, subordinada à presidência do Conselho particular local e deste hierarquicamente ao nacional. Respeitando todos os princípios da fé católica os sócios vicentinos são geralmente pessoas das elites locais, que têm a tarefa de administrar a pobreza no espaço urbano por meio de instituições assistenciais mantidas pelas verbas auferidas da filantropia e da caridade civil. (CUNHA, 1999)

Constituída enquanto município em 1888 a Uberabinha do princípio do século XX era uma acanhada corrutela cujo projeto político das elites locais veiculava a imagem de uma cidade progressista, teleologicamente fadada ao sucesso. De boca do sertão à pólo regional, os projetos políticos do progresso requeriam a ordem e, para tanto, amenizar os conflitos sociais, as resistências, rebeldias requeriam também projetos, esses de cunho repressor tal como delegacias, cadeia, leis municipais, códigos sanitários, como também a institucionalização da pobreza via assistência social institucionalizada (MACHADO, 1990; 1991; 1999; MACHADO e RIBEIRO, 2006).

A Uberabinha de 1850 padecia, como de resto todo o país, de profissionais para o exercício da saúde. Dos relatos dos memorialistas, dos processos criminais, das atas da câmara e da imprensa é visível que os personagens que encenam os ofícios de curar eram, a princípio, práticos, boticários, curandeiros, parteiras, raizeiros que se misturavam aos médicos facultativos, viajantes itinerantes que aqui aportavam à convite do intendente da Câmara Municipal para passar pelo menos um ano na cidade. Era o caso de médicos como Carlos

Gabaglia, Norberto Ferreira e Sérgio Werneck, entre tantos outros, que atendiam até mesmo nos hotéis em que estavam hospedados. (CASTRO, 2004)

No embate entre as práticas populares de cura e a medicina alopática algumas contendas muitas vezes terminavam no Judiciário, cujos processos crimes deixavam entrever disputas políticas e inclusive instaurados pela própria clientela. Farmacêuticos, médicos eram também presidentes de partidos políticos, diretores de escolas e bem mais tarde professores da Universidade Federal de Uberlândia, como se vê pessoas influentes em nível local (CARDIN, 2004). Mesmo com a fixação de profissionais da área de saúde, tal como o italiano Dr. Raphael Rinaldi, os farmacêuticos filhos da terra como Antônio Vieira Gonçalves e José Severiano Rodrigues da Cunha, formados pela Escola de Pharmácia de Ouro Preto e mais tarde, já na década de 1920, com as presenças dos doutores Mário Guimarães Faria, Sebastião Freyer, Leopoldo de Castro, Alberto Alves Moreira, Olavo Ribeiro, Antônio Lopes de Oliveira, o corpo clínico da cidade ainda era precário. (CASTRO, 2004)

Em nível legal para disciplinarizar o espaço urbano foi criado o Código de Posturas de 1903, reeditado em 1913, esboçando normas e leis que objetivavam regulamentar não só a salubridade pública como também instituir normas sanitárias que incidiam sobre o cotidiano da cidade. O alvo era não só as habitações, a limpeza, a higiene e a água, como também os estabelecimentos comerciais como matadores, açougues, vendas, etc. Para além disso, as relações sociais passaram a ser mediadas pelas regras de conduta.

Mesmo frente a todos esses dispositivos de controle a cidade, no início do século passado, se via fragilizada no que diz respeito à saúde pública, especialmente quando se abria as possibilidades para o seu desenvolvimento econômico. As estradas que interligavam o lugar ao mercado regional e nacional também eram veias abertas por onde circulavam junto com as mercadorias as epidemias que grassavam o país. Assim, a criação da Santa Casa de Misericórdia foi vista naqueles tempos como uma forma de conter e proteger o lugar da varíola, da febre amarela e da gripe espanhola. (CASTRO, 2004)

No dia 1º de janeiro de 1908 foi empossado no cargo de presidente da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Uberabinha, como seu provedor, o comerciante Custódio da Costa Pereira, empreendedor de diversas outras atividades no circuito urbano, tais como a construção do primeiro cinema denominado Theatro São Pedro (1909), da segunda charqueada (1922), da primeira praça de esporte, atual UTC (1935), do Colégio Ginásio Mineiro (1929); foi também político, eleito vereador nos anos de 1912 e 1915 com o maior coeficiente de votos à época. Ao lado de Custódio Pereira estavam o Dr. Duarte Pimentel de

Ulhôa e o major José Gonçalves Valim Piraf (TEIXEIRA, 1968; TEIXEIRA, 1970, CUNHA, e SALAZAR, 1990)

Os dez anos que decorreram para a inauguração do primeiro prédio da Santa Casa, localizado à Avenida Floriano Peixoto, esquina com a Rua Tenente Virmondos, refletem a luta, o envolvimento e os conflitos inerentes a qualquer projeto político. Donativos, quermesses e leilões nunca eram suficientes frente ao projeto arquitetônico considerado grandioso se comparado a outras construções públicas de então. A maçonaria, como a instituição mais organizada daquele momento consegue adquirir um terreno que, em disputa com a direção da irmandade, foi trocado por um outro mais afastado do centro da cidade. (CASTRO, 2004).

A Santa Casa de Misericórdia foi inaugurada em 1918 com festas, mas apressadamente para o atendimento às vítimas da gripe espanhola que assolava a cidade. De 1918 a 1929 esta instituição esteve sob a tutela da irmandade que a fundou. Em 1929 esta obra foi transferida ao governo de Minas Gerais *sub-conditione*, o que denota as dificuldades enfrentadas no seu gerenciamento. Neste período foi transformada em Hospital Regional, que também não correspondeu às expectativas da cidade. Sem verbas para seu funcionamento volta para as mãos da Irmandade que, por sua vez, repassou em 1932 todo o patrimônio dessa instituição ao prefeito Vasco Gifoni. Em 1942 a Prefeitura Municipal de Uberlândia, reconhecendo sua incapacidade administrativa para resolver o impasse e a crise financeira, entregou à sociedade de São Vicente de Paulo o domínio e a responsabilidade deste Hospital. A nova diretoria, empossada em 18 de janeiro de 1943 tinha como seu provedor Sandoval Guimarães, gerente do Banco Crédito Real, acompanhado na sua diretoria por dois médicos, filhos da terra: Bolívar de Carvalho e Arnaldo Godoy de Souza.

Como único hospital da cidade e região a Santa Casa, desde o seu início, atendeu primordialmente aos pobres e indigentes sob a direção interna, à princípio, de duas religiosas franco-belgas Celina e Helena e mais tarde pelas freiras da Congregação das irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. (CUNHA, e SALAZAR, 1990)

Como um braço do sistema público de saúde foi inaugurado em 1921 em Uberabinha o Posto de Profilaxia, de responsabilidade do Estado, sob a direção do Dr. Mineiro Lacerda que, de forma gratuita, atuou com medidas preventivas de saneamento e de polícia sanitária. Cabia a ele, como delegado de Hygiene, não só atender a população carente no que diz respeito às parasitoses, como também instruir e fiscalizar o cotidiano dos cidadãos, no sentido de eliminar suas tradições rurais e adotar medidas com o mínimo de higiene e racionalidade. Alertava-se contra os curandeiros, os chás e mezinhas, estimulava-se a adoção de medidas

profiláticas como as fossas sanitárias, o uso de calçados, os banhos e as mãos lavadas. Um ano passado de sua inauguração o diretor deste posto começa a concorrer financeiramente com a classe médica local e por isso teve desacreditado, inclusive pela imprensa, todo o trabalho que lá exercia. (CASTRO, 2004)

Vale aqui ressaltar as várias instituições geridas pela sociedade São Vicente de Paulo de Uberlândia que, de forma competente, não só amealhou um enorme patrimônio imóvel na cidade, como também criou espaços segmentados para abrigar os desvalidos da sorte. Entre eles figuram o Asilo São Vicente e Santo Antônio (1908) destinados aos idosos; o Dispensário dos Pobres (1934-1970) que tinha a missão de retirar os mendigos da rua, o auxílio material e o controle das doenças contagiosas, principalmente da lepra, encaminhando os seus portadores para Bambuí/MG; a casa da Divina Providência que acolhia e internava meninos órfãos e abandonados (1940) e a Casa da Criança, que funcionava como um internato para filhos de mulheres pobres que trabalhassem fora do lar (1940-1960). (MACHADO, 1991)

Em 1945 foi criada a sociedade médica de Uberlândia, entidade máxima de representação da classe médica local, em majestoso prédio com características modernistas, onde ocorreram não só palestras com renomados médicos nacionais, encontros festivos, mas também decisões de caráter político. No que diz respeito à saúde pública municipal esta sociedade opinava, com forte repercussão na imprensa, sobre todos os aspectos da higiene pública, sanitarismo, práticas sociais curativas e preventivas, denunciando o curandeirismo, as parteiras e os benzedores. Evidente que contribuições valiosas prestadas por esta instituição não devem ser esquecidas, como também todo um jogo de poder que aos poucos foi constituindo a saúde do cidadão como uma mercadoria negociada pelos consultórios e hospitais particulares pelos médicos associados. Claro é também que tais atitudes e práticas não eram mais do que o reflexo da saúde pública em nível nacional.

A rede de dispositivos de controle dos pobres e excluídos sociais em Uberlândia era bastante eficaz se somarmos as instituições da sociedade vicentina a outras não menos importantes. Entre elas merecem destaque o Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1980), o Lar Alfredo Júlio (1950-1970), o Albergue Noturno Ramatis (1965), ambos espíritas; o Patronato de Menores do Buriti (1947-1980) dirigido pelo Rotary Clube; o Patronato de Menores do Rio das Pedras (1953-1982) de responsabilidade da Sociedade Eunice Weaver e, por fim, a ICASU (1965) criada pelas elites locais e empresários para disciplinarizar a pobreza urbana.

Em 1955 foi inaugurado o novo e grande edifício da Santa Casa de Misericórdia no bairro Martins, ocupando uma quadra inteira, com um belíssimo projeto arquitetônico inspirado no Panóptico, de cuja estrutura central se prendiam alas no formato octogonal (MACHADO e MORAES, 2000). Na década de 1960 a Santa Casa de Misericórdia sofria concorrência dos diversos hospitais particulares da cidade que foram se constituindo no decorrer do tempo, entre eles a clínica cirúrgica do Dr. Laerte Vieira Gonçalves (1930), os hospitais São Francisco (1930), o Santa Catarina, o Santa Terezinha (1940), o Santo Agostinho e o Santa Clara, ambos da década de 1950, além de 20 médicos e 18 dentistas com consultório montado. (ARANTES, 1940) Nos finais do ano de 1968 com a criação do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, a Santa Casa de Misericórdia tentou sobreviver por meio da celebração de um convênio com a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade, pelo qual suas dependências serviriam para a prática de ensino desta faculdade. Entretanto, com a inauguração do Hospital Escola da UFU na década de 1970 a Santa Casa de Misericórdia perdeu a parceria firmada. Padecendo de grave crise financeira a Santa Casa de Misericórdia foi vendida a um grupo de médicos da cidade, tornando-se, a partir daí, um grande hospital particular sob o nome de Santa Geneveva. (SALAZAR, 1990)

A perda da Santa Casa de Misericórdia para a sociedade uberlandense só não foi maior porque o Hospital Escola da UFU foi se tornando uma referência não só para cidade, como para toda a região, transformando o local num centro médico de excelência, cuja assistência médica aos carentes e excluídos sociais é não só diferenciada e melhor instrumentalizada, como também, qualitativamente superior a todos os hospitais particulares em seu entorno. Todavia, não resta dúvida que a memória da Santa Casa de Misericórdia deva ser preservada por ser o embrião do atendimento público e gratuito aos desvalidos da sorte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Sérgio França Adorno e CASTRO, Myrian M. Pugliese. A arte de administrar a pobreza: assistência social institucionalizada no século XIX. In: TRONCA, Ítalo (org.). *Foucault vivo*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ARANTES, Jerônimo. Revista Ilustrada de Uberlândia: tipografia Kosmos, 1940.
- BOSI, Antônio de Paula. *Reforma urbana e luta de classes: Uberabinha (1888 a 1922)*. São Paulo: Xamã, 2004.

CARDIN, Eric Gustavo. A relação médico/clientela na formação do mercado de serviços de saúde em Uberabinha (1890-1920). *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: Edufu, n.º. 32, 2004.

CASTRO, Dorian E. *Relicário das práticas médicas no interior de Minas Gerais: transformações, astúcias e persistências (Uberabinha/MG 1903-1945)*. Uberlândia: UFU, 2004. (dissertação/História)

CHALHOUB, Sidney et al. (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de História Social*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003.

CUNHA, Antônio Afonso da e SALAZAR, Aparecida Portilho. *A História da Igreja em Uberlândia: nossos pais nos contaram (1818 – 1989)*. Uberlândia: Paróquia de santa Terezinha, 1990.

CUNHA, Marizete Aparecida. *Asilo São Vicente e Santo Antônio: memória e história*. Uberlândia: UFU, 1999 (monografia História).

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GANDELMAN, Luciana Mendes. *A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX*. www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=59702001000400006, 23/05/2008.

GUIMARÃES SÁ, Isabel dos. *A circulação de crianças na Europa do sul: o caso dos expostos do Porto no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

MACHADO, Maria Clara Tomaz e DIAS, Rodrigo Fernandes Moraes. O alfa e o ômega – a saúde pública em Uberlândia. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: Edufu, n.º. 26, 2000.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980)*. São Paulo: USP, 1990 (Mestrado/História).

_____. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. *Revista História e Perspectivas*. Uberlândia, Edufu, n.º. 4, 1991.

_____. Há serpentes no paraíso: Uberlândia. In: MATOS, Maria Izilda Santos e SOLLER, Maria Angélica (orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olhos d'água, 1999.

_____ e RIBEIRO, Raphael Alberto. Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, obsessão e loucura no cotidiano do Sanatório Espírita de Uberlândia/MG (1932-1970). In:

ISAIA, Artur César (org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: Edufu, 2006.

NAVA, Pedro. *Capítulos de História da medicina no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel, 2003.

ROSEU, Jorge. *Da política médica à medicina social*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos: a Santa Casa de Misericórdia da Bahia (1550-1775)*. Brasília: UNB, 1981.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2001.

SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO. *Regra da Sociedade São Vicente de Paulo*. Rio de Janeiro: CNB das SSVP, 1988.

TEIXEIRA, Longino. *Apontamentos pra a História da Medicina e da farmácia em Uberlândia (1846-1968)*. Uberlândia: Sociedade Médica, 1968.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Gráfica Cidgraph, 1970.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-grandense (1889-1928)*. Bauru, SP: Edusc, 1999.